

GILBERTO FREYRE POR JOSÉ LINS DO RÊGO, AS TRADUÇÕES HEGEMÔNICAS E SUAS INVERSÕES

Henrique Palmeira Dias de Souza¹

Resumo

Buscando uma visão ampla de um momento fundamental na sociologia e na literatura brasileira, realizamos uma leitura de Rego, em comparação com Freyre, deslocando a ideia tradicional de que os romancistas tiveram como base a sociologia de 30, sem que esses influenciassem a própria sociologia sendo produzida. Isto é, buscamos demonstrar como as histórias, que devem ser metafóricas, são mostradas como realidade nos ensaios de Freyre. Temos como exemplo as formas como são personificadas as fazendas, a forma como o negro é animalizado, e as transições sociais retratadas em eventos naturais ou pessoais dos personagens. Assim, Freyre funciona como ferramenta obviadora do pensamento literário de Rego, explorando metáforas cíclicas que partem do mal-estar causado pela vida do menino de engenho, para desaguar na noção de perversão de uma sociedade que perde a figura patriarcal, que, como veremos, será um elemento que elimina a luta de classes na sociedade, então instaurando caos social. O direito importa aqui uma vez que as condições de vida impostas aos libertos e aos pobres foram justificadas em uma ideia de harmonia, e relacionadas a uma visão não crítica do passado.

Palavras-chave: Literatura de 30, sociologia de 30, antropologia e literatura, José Lins do Rego, Gilberto Freyre

Abstract

Looking for an ample understanding of a crucial moment in Brazil sociology and literature, we read Rego, in comparison with Freyre, dislocating the traditional idea that romancists based themselves on 30's sociology, disregarding the influence they had in it. We try to demonstrate how the stories, that must be metaphorical, are shown as facts. As examples we have the farms personificated as characters, black people being animalized, and the social transitions portrayed as natural or personal events. Therefore, Freyre works as an obviation

¹ Graduando em direito pelo IDP e graduando em antropologia pela UnB.

of Rego's literary work, exploring cyclical metaphors that start from the bad caused in the egeho's boy life, to end in the notion of perversion of a society that loses its father figure, that, as we will see, will be an element that eliminates class warfare, then instauring social chaos. Law studies are important since the conditions imposed over the recently freed and the poor were justified based on an idea of harmony, related to an acritical view of the past.

Keywords: *30's literature, 30's sociology, anthropology and literature, José Lins do Rego, Gilberto Freyre*

INTRODUÇÃO

O novo Brasil começou como uma enchente, pelo menos metaforicamente. As diversas contradições presentes antes da nova república não poderiam ser facilmente conciliadas, portanto, seria necessário limpar tudo que se passou para trazer algo novo (e uma saudade do que foi destruído). Assim se dá o final de Usina, de José Lins do Rego, a população, em meio a um êxodo rural, abandonando o passado contraditório das fazendas, para buscar uma nova vida na cidade e no mundo moderno. Neste artigo buscamos entender a relação da literatura modernista (focando em José Lins do Rego e Gilberto Freyre) com o passado ruralista do Brasil, e como estes estabelecem uma noção saudosista desse passado, com críticas constantes ao mundo moderno e urbano.

José Lins do Rego escreveu, ao longo dos anos 30, aquilo que seria chamado o “ciclo da cana-de-açúcar”. Neste, podemos notar um movimento claro: a tentativa de defender o passado brasileiro como melhor do que aquilo que tomou seu lugar. No entanto, podemos observar uma crítica mais profunda no pensamento deste, seja no aspecto econômico, seja como uma defesa de uma noção de vida rural pacífica, mesmo após séculos de escravidão. Neste ciclo, seu pensamento é demonstrado a partir de metáforas cíclicas, ou seja, inversões do “como se” para “é”. Podemos, assim, ler suas metáforas como um “como se” que virá a ser na sociologia de seus contemporâneos. Para isso buscamos uma leitura de Freyre como sustentado por Rego, de forma que as obras do primeiro são uma forma de obviação daquilo que fala o segundo. Os principais exemplos que podemos ver são, por exemplo, os momentos em que Rego animaliza as personagens, quando este personifica a usina para dar uma face

àquilo que enfrenta, quando usa uma enchente para afirmar a destruição causada por essa industrialização, entre outros casos que podemos encontrar ao longo de suas obras desse ciclo.

Utilizamos três obras de José Lins do Rego como fonte primária, interpretando sua influência nos anos 30 e no pensamento social de tal época. Portanto, inverte-se a leitura que parte de Freyre para explicar o romance, na medida em que lemos Rego como autor basilar para o pensamento conservador de 30. As três obras são: *Menino de Engenho* (1932), *Usina* (1936) e *Fogo Morto* (1943).

O primeiro romance explora, dentro do tema de formação pessoal do autor, no contexto de sua infância, a diferença entre a vida da cidade e a vida rural. A primeira está relacionada aos males na vida do narrador— tanto de saúde, como de degradação moral—, enquanto na segunda há um repouso de tudo de ruim que lhe acontece. Isto nos é interessante na medida em que demonstra como é feita a argumentação de Rego em defesa do passado. Os personagens serão caracterizados como provas e suas circunstâncias como demonstrações da realidade. Por isso temos em mente uma trajetória metafórica do autor, que será aproveitada posteriormente para demonstrar coisas como a perversão sexual da cidade. Em *Usina* temos o ponto final do antigo engenho, com a percepção de que o que era velho teria sido deixado de vez para trás. Esse movimento é consolidado com a saída dos antigos habitantes de canaviais e engenhos e a chegada de uma enchente que impossibilita o retorno, algo que já seria impossível pela contração de dívidas de fazendas que tiveram sua mão de obra superada pelas usinas. Vemos uma disputa entre a usina e o engenho, algo que também será abordado por Freyre, quando este demonstra como as usinas aumentaram o lucro com o açúcar e reduziram os preços da cana. Por fim, temos *Fogo Morto*, livro escrito após o fim do ciclo da cana-de-açúcar, no qual teremos maior intervenção dos negros e um maior conflito entre passado e presente, que dificulta a visão idílica do passado, bem como explora as diferenças de classe entre os três protagonistas em um ambiente de decadência.

Ao longo dos anos, a ideia, articulada por Freyre, de um Brasil misturado racialmente com uma harmonia entre pares dialéticos (Sobrados e Mucambos, Casa-Grande e Senzala etc.) vem sendo abandonada e criticada, mesmo que algumas de suas heranças continuem vivas. No entanto, há um aspecto de grande importância a ser analisado: a influência desse pensamento na literatura, criando uma narrativa hegemônica neste campo. Portanto, tentamos

neste artigo apresentar as repetições de temas freyrianos na literatura, feitos como uma certa forma de tradução do pensamento deste para o cotidiano. Partimos de José Lins do Rêgo e a forma como este faz tal tradução, bem como o que se perde ao longo dessa, para analisarmos o pensamento jurídico e sociais e os seus desdobramentos feitos nesta literatura.

Neste contexto, uma conexão que não pode deixar de ser feita é sobre a relação entre Rego e Freyre, por mais que o foco aqui seja o primeiro e sua forma de criação de um Brasil., abordaremos Freyre uma vez que o autor trata de um problema criado pelos intelectuais da classe dirigente brasileira do século XIX e XX, denominado o “problema do negro no Brasil”. Essa questão é relevante por ser uma tentativa de traduzir de forma coesa a experiência do negro brasileiro, trazendo consigo diversas pacificações e tentativas de se esconder o passado. Neste sentido, argumentamos que Rego, mesmo sendo do campo da literatura, não deixa de versar sobre o assunto. Além disso, tem tais autores como sua fonte de inspiração e validação, como vemos em Ramos (1955). Tais autores fazem uma sociologia que não parte da realidade nacional, mas sim de problemas formulados no exterior. Tal forma de pensar caracteriza uma patologia social do branco brasileiro, institucionalizada em uma ciência social “consular”, nos termos de Guerreiro Ramos.

À luz de uma sociologia indutiva, isto é, de uma sociologia cujos critérios sejam induzidos da realidade brasileira, e não imitados da prática de sociólogos de outros países, à luz de uma sociologia científica, o que se tem chamado no Brasil de “problema do negro” é reflexo da patologia social do “branco” brasileiro, de sua dependência psicológica (Ramos, 1955, 192).

Tratamos o país e seus problemas com uma visão que exclui a fala do “outro”, dos próprios brasileiros, em sua pluralidade. Isso torna possível, em primeiro lugar, a ideia de uma harmonia de raças, pois o branco não era o que sofria com os moldes da sociedade, mas ao mesmo tempo era quem poderia falar sobre ela. Na visão desses autores, o Brasil ia bem e seu maior problema era a aproximação da república, que os deixaria de escanteio no domínio social e cultural do Brasil. Rego não era diferente. Buscava se afastar desse futuro reservado ao Brasil², tentando demonstrar, de maneira saudosista e nostálgica, o mal causado pela industrialização e pelas mudanças da república. Sem engano Freyre faz o mesmo: busca demonstrar as harmonias do passado, tenta validar uma visão conciliatória. Por outro lado, afasta, caricaturiza, subalterniza e silencia o negro e o indígena, ainda que afirmando seus

² Podemos ver de que forma a chegada da usina é tratada no romance de Rego, de forma comparada a um fim dos tempos.

papéis integrais na construção do Brasil, visão explorada de forma mais amplas em outros textos³.

Uma ideia importante aqui é a noção de tradução em José Lins do Rêgo (e em Gilberto Freyre). Rego escrevia sobre sua visão do que era o Brasil e o seu devir – aquilo em que o país estava se tornando. Nisso, o autor retratou suas ideologias políticas, tornando notável as tentativas de narrar e traduzir a singularidade nacional, no sentido de explicitar um sentido para ser compreendido para quem não estava no contexto original. Nestes termos, tomamos Freyre como uma obviação do que estava sendo feito nas artes⁴, tentando validar sociologicamente o pensamento de seus contemporâneos. Isso surge de formas diferentes para Rego. Podemos ver diferentes narrativas sobre cidades do interior, casas-grandes, e seus habitantes ao longo de suas obras, como exploraremos mais a seguir. Ao abordar um tema repetitivo nessa construção, a animalização do negro escravizado, José Lins do Rêgo faz de forma direta e fantasiosa, aproximado ao folclórico (como vemos em Usina principalmente) com o surgimento de um lobisomem. Em Freyre temos uma classificação do negro na categoria de animal, aproximado às vacas, como vemos em seu livro Nordeste, por exemplo.

Isso se repete na ideia de nostalgia. Rego apresenta uma visão nostálgica do passado na forma do protagonista e narrador do livro Menino de Engenho⁵, algo que é obviado por Freyre na noção de harmonia nas relações brasileiras. Vemos, a partir disso, uma forte relação entre Rego e uma específica visão social, reiterada por Freyre (principalmente) e outros pensadores contemporâneos aos romances. Há, assim, um compromisso ideológico, que parte da concepção de que o Brasil anda em direção àquilo que é menos desejado, ou seja, a república, a modernização, a reforma agrária e o êxodo rural. A partir disso estabelecemos a noção de tradução, sendo realizada uma tradução do Brasil e uma tradução do pensamento político. Portanto, focaremos na forma como José Lins do Rego realiza essa função de traduzir e inventar um Brasil. Para tanto, vale-se de uma abordagem atenta a forma mitológica

³ Elide, 2006; Araújo, 1994; por exemplo.

⁴ Ver Roy Wagner, 2018.

⁵ Essas duas categorias são importantes para o que estudamos aqui e para as intenções do autor. O efeito de se apresentar em primeira pessoa gera uma narrativa dada como factual (visto que parte de uma experiência pessoal) e uma narrativa inocente, na qual o Brasil que se imagina é um país sem problemas e sem contradições, algo que surge, pois, a narrativa se dá através dos olhos de uma criança. Freyre faz uma categorização de diversos elementos da vida brasileira com suas relações com cana e nisso ele aproxima o negro dos animais e se refere a eles de forma metonímica, trocando os negros por ferramentas.

estabelecida por Freyre, a política na estética e na narrativa de Rego e o plano ideológico compartilhado por ambos, especialmente o rechaço à modernidade – ou, melhor dizendo, a uma certa forma de modernidade.

O direito surge aqui como parte da ferramenta obviadora posta pela sociologia ensaísta de 30. Como veremos adiante, aquilo que é foco dos romances, a vida do engenho, é posta como um ideal saudosista contra as modernizações, transformações e aberturas do início do século XX. No entanto, ambos deixam de tratar sobre o negro durante o engenho e durante o trabalhismo como sujeito da história e da política. Como consequência, vemos como a literatura e a sociologia atuaram como mecanismos de contenção das mudanças possíveis ocasionadas pela Abolição da escravidão, atuando como reação ideológica, as quais se conectaram e reforçaram a cultura jurídica emergente no período.

1. Rego inventando a cultura brasileira

Como pretendemos ver, Rego traduz uma noção de Brasil que coaduna com a sociologia e o direito de 30, isto é, defende diversas questões que serão afirmadas por ambos. Para isso, utiliza de algumas formas argumentativas interessantes, como: os territórios apresentados como personagens; o caráter nostálgico e uma visão inocente do Brasil em sua narrativa; a demonstração dos efeitos da decadência (fim dos engenhos) na economia e na população (em suas personagens); e a necessidade de encontrar um outro que seja culpado pelo fim (os libertos ou os modernos). Iremos abordar estes tópicos a seguir.

a. Território lavado

A territorialidade nos romances de Rego demonstra mudanças temporais e diferencia as formas sociais de ocupação da terra. Podemos ver na disputa entre fazendas em Usina, em que as duas principais (Bom Jesus e São Felix) são apresentadas como personagens. Cada uma tem sua história e sua forma de lidar com as mudanças. A chegada de uma usina determina o fim da colheita manual de açúcar, bem como a diminuição das condições precárias de trabalho destes que são tratados como facões, existindo uma balança entre aquilo que se tem de avanço com a modernização e o que se perde com a mesma. O autor enfatiza a importância do segundo ponto. A decadência exposta é relacionada com uma mudança de mundo, focando na noção daquilo que se perde com a modernização, que será interpretada por

Freyre como o fim de uma tradição patriarcal. No entanto, o autor não deixa todo seu ponto aberto, uma vez que podemos perceber os problemas que vieram.

As mudanças nas vidas do trabalhador, por exemplo, surgem como causa disso, não resultado. Isso indica um tema repetitivo na obra de Rego: o problema principal e imediato causado pelas mudanças da industrialização, relacionando com dinâmicas na sociedade causadas pelo abandono da vida nas fazendas e, por sua vez, da tradição, com seus trabalhadores escravizados sob a égide bondosa do senhor. Podemos ver o diálogo com o contexto em que os seus romances eram escritos, com a industrialização crescente no país e com mudanças na frente trabalhista, com novas leis e exigências de melhor qualidade de vida (além da necessidade de mais trabalhadores nos centros urbanos, algo que causaria o êxodo rural). Há, assim, uma relação íntima com o mundo jurídico, uma vez que a narrativa de Rego impede a percepção dos males causados pelo que viera antes da república, ao mesmo tempo em que reforça uma noção de possibilidade (e vantagem) de retorno ao mundo rural, lócus dos seus romances.

A partir disso vemos o caos que cresce nas fazendas com a chegada da usina. O desemprego e o empobrecimento daquilo que é retratado como família tradicional. Observa-se, por exemplo, em *Fogo Morto*, como Rego narra a família que deixa de ter a venda da colheita de açúcar como fonte da sua riqueza e passa a ter que vender ovos, de forma escondida, para manter seus padrões de vida antes da modernização. Estes são relacionados as causas que tornaram insustentável a manutenção das fazendas, como o aumento de demanda que não era acompanhada pela escala de produção dos engenhos e dos canaviais, a pauta de industrialização brasileira que passou a ser levantada, entre outras. Com isso vemos em que sentido há uma importância da territorialidade. Primeiro, por tratar da diferença entre o engenho (as que colhiam cana manualmente) e a usina, representada como figuras individuais com impactos gerados a partir delas e não de pessoas dentro de cada uma, ou de questões exteriores a elas⁶. A figura da modernização surge como uma figura retórica, na qual se caracteriza a usina como inerentemente problemática, permitindo a negação da modernidade com base nos efeitos negativos atribuídos pelo autor. Vemos isso na origem dos problemas dos romances que estamos tratando. O que inicia um conflito é a chegada de algo exterior aquele mundo estabelecido. A usina, como personagem, que irá causar uma decadência do

⁶ Que não pudessem ser tratadas coletivamente como mais um dos problemas causados pela modernidade.

mundo agrário e essa capta na sua figura os problemas causados pela modernidade, que não são apenas da ordem econômica, mas também, mais importante, da ordem moral. Isso se dá porque o surgimento desse elemento externo será responsável por uma desordem na vida da região e pelas necessidades levantadas no romance, como a manutenção das fazendas, a continuidade de um padrão de vida francês, o pagamento das dívidas para manutenção da fazenda (que dependiam da colheita sazonal dos produtos). Essas dívidas são importantes por demonstrar o momento em que o novo rompe com tudo que se havia, na medida em que as tradicionais fazendas deixavam de ter condições para pagar suas dívidas e eram vendidas. Ou seja, tudo abria espaço para a usina.

Além disso, um problema que aparece como pano de fundo da crise econômica é o problema monetário causado pelo trabalho assalariado. Este exige capital de giro, criando, portanto, uma maior demanda de moeda na economia. No entanto, sua instalação no Brasil exigia muita concessão de crédito, tendo em vista que o dinheiro chegava de forma sazonal para a agricultura, sendo mais um motivo dos empréstimos que tratamos anteriormente. Outro fator agravante nesta situação é que as pessoas não depositavam seu dinheiro nos bancos, algo que dificultou o desenvolvimento e a expansão de um sistema bancário (não restava mais dinheiro para conceder crédito, as taxas de juros se tornavam mais altas e esses empréstimos, por mais que necessários, se tornavam cada vez mais insustentáveis). Acumulava-se, assim, muito dinheiro, principalmente para o acerto de contas no fim do ano, de dívidas contraídas com bancos ou de dívidas oriundas das necessidades que encareciam, como alimentação e a tentativa de manutenção de uma vida luxuosa. Este acerto, no entanto, fazia com que não houvesse circulação monetária, visto que se fazia um acerto de contas no fim do ano e não um pagamento regular. Isso poderia ser sustentado antes do trabalho assalariado, uma vez que um capital de giro deixaria de ser necessário, facilitando a possibilidade dos pagamentos sazonais. Aqui surge o quadro da crise, uma vez que para expandir, os bancos ficavam em posição de liquidez vulnerável (alto risco dos empréstimos, sazonalidade dos pagamentos, pouco dinheiro em caixa etc.). O movimento da crise, no entanto, era cíclico, nos primeiros meses do ano se tinham grande dificuldades (Furtado, 2007), no meio um choque entre demora de retorno das províncias e a necessidade destas de mais dinheiro, os acionistas cresciam e pediam descontos, fazendo com que o caixa do banco enfraquecesse. Desencadeou-se uma crise no sistema bancário nacional com a grande expedição de papel-moeda, gerando inflação, que tornou necessário medidas para retirar moeda de mercado. Isso surge em Rego com a

perda de uma identidade europeia atrelada ao mundo rural. As famílias dos romances irão sofrer com isso, gerando uma necessidade de sair das fazendas, assim como a necessidade de fuga de uma enchente (que não permite mais retornar ao estado original), algo que ocorre em Usina, mas de uma forma que demonstra um desespero por conta de hipotecas e dívidas, não apenas um evento natural.

b. Uma inocente nostalgia

A nostalgia também será uma ferramenta argumentativa importante para Rego, sendo o exemplo principal dado em *Menino de Engenho*. Neste vemos as formas como se utiliza um saudosismo da vida jovem para amenizar as problemáticas destes tempos. A forma principal como essa ocorre está na narrativa em primeira pessoa realizada por uma criança. Dessa forma podemos ler a partir de um protagonista inocente, que valida sua visão por ser o narrador da história. O autor quer que o leitor assuma a visão posta pelo narrador (apresentada de maneira incontestada) e perceba a necessidade de se retornar há tempos anteriores, em que a vida seria supostamente mais simples e melhor do que aquilo trazido com a modernização e o desenvolvimentos de centros urbanos.

Um dos exemplos disso ocorre com a primeira relação sexual do narrador. Este romance de formação apresenta o movimento de perda da inocência, no entanto, todos são apresentados como causados pela cidade ou pela modernização, tal relação não deixou de ser uma representação disso. O narrador precisa ir para a cidade para se entregar à vida que caminhava e, aos doze anos, contrai uma DST. A alternativa para isso também é apresentada, na figura do engenho em que vivia, como um lugar tranquilo e, como notamos na estética de Rego, melhor do que a cidade. Assim, podemos ver uma primeira metáfora do ciclo metafórico realizado por Rego, a criança e a juventude corrompidas funcionam como um “como se” do destino da sociedade com a saída do lugar protegido que era o engenho.

c. O fim daquele mundo

Em Usina, temos uma atmosfera posterior ao menino de engenho (e em sequência de moleque Ricardo), aqui o clima é de tensão, percebido nas disputas entre os dois engenhos principais, e no efeito de tais disputas entre estes estabelecendo uma noção de decadência causada pela chegada da usina. Podemos ver tal decadência por dois pontos de vista. Primeiro, a pressão econômica causada pela usina que, não só deixa muitos desempregados, mas

também faz com que a alternativa para pagamento de dívidas seja a venda de propriedade, como faz a fazenda (São Félix), aqui a usina é responsável pelo rompimento da vida tradicional e estabelece uma ordem em que os chefes regionais deixam de comandar no local, para Rêgo isso será desastroso por deixar de lado a vida nostálgica e por demonstrar um passo na direção ao fim da suposta coesão estabelecida pelos engenhos (algo também defendido por Freyre). Segundo, podemos ver no final do romance a enchente do rio Paraíba, enquanto pessoas iam embora e as terras eram levadas, o momento é simbólico para o romance pois demonstra o fim definitivo daquela vida, aqueles que venderam a propriedade não poderiam voltar a viver no local de antes, inicialmente pela falta de trabalho causada pela usina, mas agora com a literal destruição de fazendas, fazendo com que essa enchente leve em suas águas o passado da região. A usina segue então uma ideia de mitologia do fim do mundo, com a chegada de algo exterior ao núcleo estabelecido, os efeitos de curto prazo dessa chegada-- o aumento da produtividade da cana e, principalmente, a descaracterização do negro como uma ferramenta laboral--, o decorrer de tal decadência estabelecida, com as famílias empobrecendo enquanto tentam manter um estilo de vida europeu (algo crítico para Rego, pois percebe a decadência nessas tentativas de imitar o exterior), o fim das fazendas de colheita de cana, a retirada das posses tradicionais em favor de uma industrialização repentina e, por fim, o fim daquele mundo, como resultado do caos causado pela usina e a resposta metafórica (que será resolvida em Freyre) dada pela enchente. O antigo precisa ser lavado para dar espaço ao novo.

O que surge, portanto, é um questionamento acerca de quem é o culpado por essa mudança, Rego argumenta de forma implícita que os causadores dessa enchente cultural são os novos centros urbanos, as leis trabalhistas, às novas tecnologias e, em geral, um abandono daquilo que este considera tradição. Aqui temos a principal conexão do ciclo de obviação estabelecido entre Rego e Freyre, visto que partimos de metáforas que irão demonstrar a estrutura mitológica estabelecida como verdade por estes autores. O problema causado pelos usineiros passa de um “como se” fosse uma enchente para uma causa do fim da vida nas lavouras.

O usineiro é, em geral, *como se* fosse um conquistador em relação de conquistados de outra terra. De outro barro. De outro sangue. Quase um estrangeiro a qual não tocasse a sorte dos que não são usineiros. Quase um judeu do tempo em que Pernambuco foi a Zuickerland dos grandes escandalos de lucro comercial, o próprio conde Maurício de Nassau -- que aliás, tanto fez para libertar a colônia da monocultura -- surgindo-nos com as mãos de governado:um tanto meladas de açúcar. (Freyre, 180, 2004)

Vemos também a forma como a usina aparece como o fim de um ciclo (o ciclo da cana-de-açúcar), mas imita aquilo que possibilitou a formação agrária do Nordeste em primeiro lugar. Ou seja, a relação de conquistador e conquistado estabelecida pela Usina segue os moldes da colonização, e aquilo que foi o alicerce fundamental para a existência da vida de engenho é servido como motivo de fim desta. Portanto, o problema fica claro, não há uma crença de que as fazendas tradicionais, e o estilo de vida rural fossem melhores para o Brasil, mas há uma percepção de que, ao não acompanhar os avanços tecnológicos, haveria um fim da vida do menino de engenho, e de diversas outras condições que devem ser apresentadas de maneira não problematizada.

d. O negro e a fazenda

A figura do negro, melhor explorada no romance *Fogo Morto*, será representada de uma forma que tenta anular os males da escravização. Isso ocorre uma vez que os personagens do romance, por mais que tenham lutas sociais representadas e estejam no momento de libertação, são captados sob a figura da fazenda, algo que passará de metáfora para a realidade no pensamento de Freyre, ao se afastar de uma visão de disputas de classe e de um passado marcado pela escravização (aparece como escravo, mas este é completamente pacificado), ao demonstrar que o problema do novo irá sempre recair na figura do negro, que não será problematizada por conta de uma abstração das lutas de classe na figura do patriarca (Bastos, 2006). Ou seja, a fazenda, no romance, será a figura do patriarca na sociologia de Freyre e a forma como a primeira será representada como uma figura não problematizada se repetirá com o segundo. A casa grande de Freyre irá representar a fazenda de Rego, e as características destas (como personagens) para o romancista serão características pessoais do colonizador europeu, que, como veremos adiante, consegue dominar o negro e o indígena, transformando estes em seus aliados para a colonização.

O plano de fundo essencial neste romance é a conquista de direitos pelos trabalhadores, com o fim da escravidão dado a partir de 1850, dado que aqueles que foram escravizados não poderiam viver sob aquele mesmo sistema, devido as péssimas condições impostas e a falta de emprego para a maioria da população, algo que ocorre por conta da chegada de novas tecnologias, demonstrando como a figura moderna causa o fim de uma vida rural defendida pelo autor e leva a população ao ambiente desagradável das cidades.

Podemos notar outra característica atribuída aos negros recém-libertos, estes serão um demonstrativo da crise do sistema açucareiro. Seja pela falta de emprego e a necessidade de irem para a cidade (local de decadência no pensamento do autor), ou pelas revoltas que realizava, algo que irá demonstrar a profundidade da crise do sistema açucareiro nordestino, uma vez que desmistificam a ideia de coesão social trazida pelas fazendas e os tira da posição de bois ou animais pacíficos para que sejam atores sociais, com diversas reivindicações possibilitadas pela abolição, abarcadas para Rego como uma forma de demonstração da decadência social causada pela modernização.

Aqui a inversão é dada justamente naquilo que se esconde, ou seja, vemos como a localização desses protestos é direcionada a uma crítica à modernidade e não à problemas causados por séculos de escravidão e, ao esconder isso, podemos falar da inversão do pensamento de Freyre, não sendo possível afirmar que o patriarca seria um elemento de coesão, uma vez que foi sobre seu domínio que os problemas surgiram ou, no mínimo, foi este que possibilitou os danos da modernização, e não pode exercer força o suficiente para manter a ordem após o surgimento de usinas (mas principalmente após o surgimento de reivindicações trabalhistas e o crescimento dos direitos desses. Para Freyre não existiria o Brasil sem o negro, o indígena e a mulher, mas estes não geram conflitos, por estarem sob o domínio do senhor de engenho, algo que podemos notar como falso.

3. Freyre como tradutor do Brasil

Uma das narrativas sobre o Brasil mais seguidas nos primeiros 30 anos do século XX foi a de harmonia entre diferentes núcleos brasileiros. Freyre, como sabemos, tentava disfarçar situações problemáticas no país a partir de uma história pacífica e de igualdade entre as raças. Além disso, seguia também uma tentativa de retratar o Brasil como um centro de resolução de pares dialéticos (Casa-Grande e senzala, sobrados e mucambos). O que tentamos explorar ao longo desta pesquisa foi demonstrar as formas como a realidade brasileira foi traduzida por Freyre e seus efeitos na literatura à época. Freyre traduz em um contexto específico, em uma transição para a nova república, portanto é comum notarmos uma negação dos males do século XIX. o pensamento dele demonstra uma aversão ao moderno e uma necessidade de retorno à um tempo anterior, mas visto de uma forma que ignora os males deste. Isso se repete em Rego, no entanto não vemos uma tentativa de teorizar e articular de

forma próxima as contradições, mas sim tenta retratar tal passado de forma nostálgica, ou, em vezes, demonstrar os problemas que a modernidade carrega, como esta causa danos em seus romances, trataremos mais adiante a narrativa de Usina, que foca na transição entre engenhos para usinas, demonstrando a falta de emprego gerada pelo segundo, ignorando a forma como o negro era tratado, as continuções desse tratamento, além de diversas questões que deixam de ser abordadas para que o foco se mantenha no empobrecimento das famílias donas de engenho.

Freyre, no entanto, narra tal transição de outra forma, claro que reconhece uma decadência suposta (tanto que isso é uma forte influência para Rego). A ideia do autor tem um centro na negação daquilo que ocorreu no passado. Essa negação não é dada de forma explícita, no entanto, podemos notá-las na forma como se pacífica a figura do engenho - demonstrando que não deveríamos mudar pois a realidade no passado era melhor. Vemos isso logo no início em Casa-Grande e Senzala, o autor demonstra a importância das três raças com influências e poderes equivalentes, o próprio título indica a tentativa de harmonização, se colocam lado-a-lado o os opressores e oprimidos, negando essa opressão nas imagens da capa, uma vivência festiva entre esses dois lugares afastados.

No entanto, Freyre não foi o primeiro a fazer afirmações no sentido da forma harmônica das relações. Podemos notar isso em José de Alencar, que já no segundo império seguia um mito do bom selvagem, algo que, para Alfredo Bosi (1992) representava uma tentativa de criar um mito, mas acabava criando chaves para o entendimento de tempos anteriores. O bom selvagem seria aquele que não se rebela, o obediente às ordens da colonização, algo que nunca existiu, por mais que estivesse contido naquele imaginário.

A relação que Freyre estabelece entre negros e brancos também segue tal estrutura mitológica, quer apresentar algo de forma positiva, mas demonstra cada vez mais como não foi o que ocorreu. Não precisamos nos afastar de Freyre para perceber isso, o próprio autor demonstra quem se oprime ao animalizar o negro. Como vemos em Nordeste (Freyre, 2004), o negro é colocado, em relação a cana, de duas formas principais, como ferramenta, ou como animal. O indígena é tratado de duas formas, como rebeldes que negam a cristianização, ou como apoiadores da colonização-- na forma de cavalos, como podemos ver em Freyre--, além disso são retratados como aqueles que têm um conhecimento à colonização, conhecem a

natureza e seus caminhos, por isso serão sempre retratados em pares com essa. O branco, no entanto, aparece como uma figura neutra (por mais que portadora de uma sabedoria europeia de dominação e comando), que conseguiu se estabelecer no Brasil e criou todas suas riquezas a partir de suas relações com os negros e indígenas. Claro que não se deixa de falar das formas como isso foi feito, mas se ameniza os efeitos da escravidão e do genocídio, para que se de espaço para a visão inicial de uma harmonia brasileira.

Esse contraste entre o cavalo e boi, do ponto de vista agrícola, lembra-nos um pouco o que se pode estabelecer, no caso do Brasil, e de sua colonização agrária, entre os préstimos do índio nômade, que foi uma *espécie de cavalo* pelas suas tendências ao movimento, à ligeireza, à aliança com o homem menos sedentário e mais guerreiro, e os préstimos do negro, *espécie de boi*, pela sua adaptação melhor e mais seguira à rotina da lavoura de cana, à sedentariedade da e ao vagar do trabalho agrícola. O negro foi na verdade o pé-de-boi da colonização agrária no Brasil. Sem ele, a colonização do Nordeste pela cana-de-açúcar (Freyre, 105, 2004)

Vemos em Freyre, como parte de seu movimento de obviação do pensamento de Rego, a ideia de que o negro e o indígena passam do “como se” fossem bois ou cavalos, na figura de personagens dos romances, além de outros romances citados por Freyre, para a noção de que são “como se” fossem estes animais, para a ideia final de que o negro “é” pacífico, maleável e obediente como um boi, e o indígena e este apoio essencial para o assentamento do europeu no Brasil. Ambos os movimentos realizados como uma qualidade inata destes, enquanto, como vimos, o branco europeu pode se desvencilhar de todas as qualificações apriorísticas e realizar um sucesso por suas próprias mãos. Sem se questionar aqui sobre a forma como essa hierarquia foi causada, uma vez que o próprio autor tenta negar a força dessa distinção entre as três raças supostamente "harmônicas", tal visão de harmonia só pode ser feito do ponto de partida do dominador, assim como se dá nos romances de Rego.

4. Reflexões no direito brasileiro

Vale ressaltar em que ponto as ideias de exclusão do negro, com origem na perspectiva animalizada deste, a ignorância em relação às condições de vida que lhes foram impostas antes e depois da escravização, sem esforços para equiparação com outros brasileiros após 1888 estavam presentes no direito brasileiro de 30. Iremos abordar, para tanto, a situação do trabalhador e do recém liberto durante a primeira república, partindo da forma como eram apresentados nos romances-- como vimos nos capítulos anteriores--,

buscando seus reflexos nas ideias sociais que estão presentes no direito brasileiro entre 1890 e o fim do Estado Novo. Para isso, será necessária uma análise de dois momentos específicos da lei brasileira, o código penal de 1890, e as leis trabalhistas do governo Vargas, presentes na constituição de 1934.

Art. 115. É crime de conspiração concertarem-se vinte ou mais pessoas para:

§ 1º Tentar, directamente e por factos, destruir a integridade nacional;

§ 2º Tentar, directamente e por factos, mudar violentamente a Constituição da Republica Federal, ou dos Estados, ou a forma de governo por elles estabelecida;

§ 3º Tentar, directamente e por factos, a separação de algum Estado da União Federal;

§ 4º Oppor-se, directamente e por factos, ao livre exercicio das attribuições constitucionaes dos poderes legislativo, executivo e judiciário federal, ou dos Estados;

§ 5º Oppor-se, directamente e por factos, á reunião do Congresso e a das assembléas legislativas dos Estados:

Pena - de reclusão por um a seis annos.

Art. 116. Si os conspiradores desistirem do seu projecto, antes de ter sido descoberto, ou manifestado por algum acto exterior, deixará de existir a conspiração, e ficarão isentos de culpa e pena.

Art. 117. Qualquer dos conspiradores que desistir do projecto criminoso, antes de descoberto ou manifestado por algum acto exterior, não será passivel de pena, ainda que a conspiração continue entre os outros.

Inicialmente, no código penal, vemos os crimes de conspiração contra formas de exercício do poder, na forma do artigo 115 (e em diante no mesmo capítulo) do código de 1890. Isso é relevante pois criminaliza a possibilidade de manifestar-se, em momento posterior à abolição, ou seja, tornava-se legal reprimir manifestações e prender seus participantes. Nos romances o negro aparece ainda escravizado, mas se sustenta uma noção de periculosidade de sua união. Isso segue nos crimes de sedição e ajuntamento ilícito, que fortalecia a proibição de manifestações contra algo que a população considerava injusta. Algo que se repete no último parágrafo do parágrafo 119 do código.

Art. 119. Ajuntarem-se mais de tres pessoas, em logar publico, com o desígnio de se ajudarem mutuamente, para por meio de motim, tumulto ou assuada: 1º, commetter algum crime; 2º, privar ou impedir a alguem o gozo

ou exercício de um direito ou dever; 3º, exercer algum acto de ódio ou desprezo contra qualquer cidadão; 4º, perturbar uma reunião publica, ou a celebração de alguma festa cívica ou religiosa:

Pena - de prisão cellualar por um a tres mezes.

Estes dispositivos, que tiveram vigência até os anos 40, não são importantes apenas por demonstrarem a condição democrática possível na primeira república, mas por se direcionarem diretamente a parte da população que não tinha igualdade de direitos com aqueles que sempre foram livres. A combinação que aqui ocorre, e é a que se tinha no momento em que os livros foram escritos, é do fim da lei da escravidão, sem uma real tentativa de possibilitar a vida dos recém-libertos, junto a uma proibição de união em favor de mudanças legais em um governo que se dizia trabalhista, mas seguia sem buscar maior integração econômica dos negros na sociedade.

Art 120 - Os sindicatos e as associações profissionais serão reconhecidos de conformidade com a lei.

Art 121 - A lei promoverá o amparo da produção e estabelecerá as condições do trabalho, na cidade e nos campos, tendo em vista a proteção social do trabalhador e os interesses econômicos do País. (...)

Art 122 - Para dirimir questões entre empregadores e empregados, regidas pela legislação social, fica instituída a Justiça do Trabalho, à qual não se aplica o disposto no Capítulo IV do Título I.

Durante a era Vargas e na constituição de 34, se estabelecia-- em especial no artigo 122, com a criação da justiça do trabalho e no artigo 120, com a possibilidade de reconhecimento de sindicatos na forma de lei--, vemos o foco na noção de melhorar a condição dos trabalhadores. No entanto, ainda valia o antigo código penal, e não havia uma melhora substancial na vida do recém liberto. Esse conjunto de normas fazia com que fosse muito difícil reivindicar direitos sociais e mudanças na vida do negro no Brasil, se configurava, assim, o ignorar de um problema. Não era regulado nessa meios para uma mudança na vida dos negros no Brasil, e, além disso, se tentava fortemente controlar revoltas, com a possibilidade de manifestação apenas nos moldes estabelecidos pelo estado.

A punição segue, então, além da escravidão, nos anos de exclusão dos negros, indígenas, ciganos e trabalhadores, houve um silenciamento estatal de vozes de resistência, algo que Freyre e Rego contribuíram, visto que, a história oficial sendo de uma harmonia

entre os mais diversos grupos, não seria possível que grande parte da sociedade ainda tivesse reivindicações relacionadas ao império.

Outro ponto que nos possibilita ver a proibição de formas de vida negras está na proibição de formas de medicina tradicional, sendo possível encaixar as práticas no capítulo III do título III do código penal. Essa junção de aspectos após o a lei áurea é relevante por demonstrar como, por mais que se interessasse nos direitos dos trabalhadores, deixava-se de reparar danos causados pela escravidão, com formas de reprimir tentativas de reivindicações de direitos que não seguissem a forma do estado novo.

A questão principal que perpassa a análise destes artigos é a de sentidos dos libertos no Brasil no momento de tal libertação, bem como os sentidos da sociedade brasileira para os autores. Os libertos estão relacionados neste sentido de liberdade, mas não são parte do mesmo sentido dado ao trabalhador por Vargas anos depois. Isto é, houve uma mudança em sua condição, mas, como exploramos anteriormente, não houve a devida integração deste. E sentidos como o de uma violência animalizada do negro e de desintelectualidade serão vistos nas cidades e nas formas de exclusão destes que chegam expulsos do campo, por conta da chegada da modernidade, conforme Rego e Freyre.

Portanto, por mais que se mude o estatuto do negro no Brasil, seu sentido não acompanha a mudança para se tornar o trabalhador varguista.

5. Questões finais

Os autores andam juntos em uma defesa da fazenda como um ambiente de igualdade e de harmonia, mesmo que discordem em momentos⁷, e podemos ver, além disso, a forma como Freyre irá se utilizar (mesmo que indiretamente) de metáforas postas por Rego, para realizar obviações e inventar uma cultura brasileira. O principal caso em que isso ocorre é na figura da fazenda, que representará em ambos um espaço quase sagrado, no entanto, Rego defenderá está por meio de seus personagens, como metáforas que representam o bom da vida rural-- enquanto enfrenta os males das cidades, seja como uma figura que corrompe os mais novos, ou como uma figura em que os trabalhadores rurais são forçados a se direcionar após o

⁷ Como no caso da figura de animal que o negro irá assumir, sendo para Freyre uma figura passiva e que ajuda o europeu a conquistar as terras, por conta de sua adaptabilidade e obediência e para Rego uma figura agressiva que após se tornar liberto irá assombrar as noites dos centros rurais.

fim da escravidão. Aqui uma ideia de uma fazenda “como se fosse” um local de paz e harmônico, é transformada em uma afirmação da qualidade agregadora, algo que não precisamos passar das capas de Freyre para localizar⁸.

Se aproximando dos textos de Freyre, podemos perceber uma impossibilidade da harmonia afirmada, uma vez que o indígena é retratado como um obediente cavalo, que serve aos interesses do colonizador, e o negro é um boi que pode ser aproveitado pelo europeu de qualquer forma, algo que ocorre a partir da escravidão e que se repete na ideia de que estes poderiam, tal qual as vacas, ser exploradas sexualmente pelo português.

Por outro lado, sem o boi, só com o cavalo, o engenho não teria se firmado como se firmou. Até as vezes da égua e do boi fez nas almanjarras. até as vezes da besta. e até as vezes da mulher a vaca fez para os meninos de engenho (Freyre, 105, 2004).

Além da exploração de mais de 400 séculos, no momento em que se dão os romances podemos ver uma tentativa de se negar uma cidadania para os libertos, uma vez que o autor continuará a defender este como animais, e, diferentemente de Freyre, afirma uma qualidade agressiva na forma de animalização do negro, dada por conta de uma perversidade inata e uma corrupção causada pela modernização, algo que vimos na figura do lobisomem no romance Fogo Morto. Assim as duas metáforas tentam se defender como verdades. A resolução entre essas metáforas será posta de maneira pacificada na constituição de 34, sem uma profunda reflexão acerca dos anos de escravidão, visão esta que se baseia em um pensamento similar ao de Rego no Menino de Engenho.

Torna-se importante realizar uma leitura que busca romper com a noção hegemônica de que as teorias sociais seriam a base para o pensamento de todos os romancistas, Freyre influenciou a obra de Rego, mas não podemos deixar de observar como o inverso também se deu. Por muitas vezes, como aqui tentamos explorar, Freyre agirá como um tradutor das ideias do romancista, algo que se tornará fundamental em seu pensamento, seja na forma de defesa das relações que ocorriam nas fazendas, ou como tentativa de demonstrar aquilo que estava causando a decadência destas.

O direito segue a influência dos autores por se basear em visões similares. Com isso vemos uma falsa ideia de pacificação da problemática social da escravidão após 1988. Após a chegada das usinas, e a inundação retratada em fogo morto, que irá expulsar a população

⁸ Me refiro às capas da editora Record em suas primeiras edições.

trabalhadora recém liberta, temos o cenário das cidades crescendo junto com uma industrialização e modernização, mas para se modernizar foi necessário se despir das diferenças e desigualdades fundamentais na sociedade brasileira, sem que se dessa devida solução para todo tema. Assim o final de Fogo Morto sugere um cenário mais desesperador do que se deixa crer, de pessoas sem lugar para ir com menos lugar para voltar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Guerra e Paz - e Casa-Grande Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

BASTOS, Elide Rugai. As criaturas de Prometeu: Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira. 1ª edição. São Paulo: Global Editora, 2006.

BRASIL. **Constituição (1934) Constituição** da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, **1934**

BRASIL. Código Penal de 1890. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890.

FERNÁNDEZ, Nohora Arrieta. “Lo que contiene esa oscuridad”: estéticas de la ambigüedad en la novela gráfica Cumbe de Marcelo D’Saete. *Mitologías hoy*, v. 20, n. 0, p. 141–164, 2019.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. Português edição. São Paulo: Global Editora, 2006.

FREYRE, Gilberto. Nordeste. 7ª edição. São Paulo: Global Editora, 2004.

FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos. 15ª edição. São Paulo: Global Editora, 2013.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. [s.l.]: Companhia das Letras, 2020.

GIL, Fernando Cerisara. A CRÍTICA E O ROMANCE RURAL. *Rev. Let.*, p. 16, .

LATOURE, Bruno; MENEGUELLO, Rachel. A fabricação do direito: Um estudo de etnologia jurídica. 1ª edição. [s.l.]: Editora Unesp, 2019.

LESSER, Jeffrey; ZIMBRES, Patrícia Queiroz Carvalho. A invenção da brasilidade: Identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração. 1ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

MARTINS, Waldemar Ferreira. História do Direito Constitucional Brasileiro - Coleção Constitucionalismo Brasileiro. 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Editora Forense, 2019.

MÜLLER, Dangelo. Mestre Amaro, um lobisomem do canavial: a representação da licantropia em Fogo Morto. 2014. Disponível em: <<https://repositorio.uces.br/xmlui/handle/11338/406>>. Acesso em: 1 ago. 2021.

REGO, José Lins do. Banguê. 24ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

REGO, José Lins do. Fogo morto. 81ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

REGO, José Lins. Menino de engenho. 110ª edição. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 2010.

WAGNER, Roy; COSTA, Priscila Santos da. Símbolos que representam a si mesmos. 1ª edição. [s.l.]: Editora Unesp, 2018.